

RESENHA

BLOCH, Renée. **Escritura e Tradição**: Ensaio sobre o Midrash. São Paulo: CCDEJ-Fons Sapientiae, 2022. Capítulo II: Ensaio metodológico para o estudo da Literatura Rabínica, pp. 35-62.

Paulo Bueno Alves

Religioso da Congregação de Nossa Senhora de Sion, Doutorando em Teologia, na área de Bíblia, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, *Campus* Ipiranga. Licenciatura plena em Filosofia pela UNIFAI e em Letras pela Universidade Braz Cubas.

A finalidade do capítulo II do livro de Renée Bloch é propor um método adequado para se trabalhar a Tradição Rabínica: o método comparativo. Para isso, Bloch ilustra tal propósito com um exemplo tirado da Literatura Rabínica palestinese entre as tradições que transmitem o nascimento de Moisés. Antes de entrar na temática, ela descreve os problemas e as dificuldades que são enfrentados em relação à Tradição Rabínica e que podem afetar a utilização do método proposto. A autora divide seu ensaio em quatro partes, que orientam o capítulo que selecionamos, pelos títulos: Estudo do problema; As dificuldades; Um método comparativo; Estudo comparativo externo e Conclusão. Essa distribuição e identificação dos assuntos abordados dão ao leitor uma visão acerca da Tradição Rabínica antiga, uma perspectiva da trajetória que irá percorrer: um caminho difícil, com problemas. Contudo, é possível de ser trilhado e melhor explorado por meio de estudos rigorosos, tendo na comparação entre textos um via de acesso, cuja certeza mais confiável advém do *terminus ad quem* da Tradição Rabínica antiga como base da comparação. O eixo de seu estudo está concentrado em um método comparativo que, por sua vez, guia a pessoa que o lê por um universo de temas importantes e pouco conhecidos, como é possível perceber no conteúdo temático comparativo externo: 1) Os escritos do Judaísmo helenista. 2) Os Apócrifos. 3) O Pseudo-Filão. 4) Josefo. 5) As Glosas do texto bíblico e as Versões (Septuaginta, Peshitta etc.). 6) Documentos de Damasco e os Manuscritos de Qumran;). 7) Os Escritos do Novo Testamento. 7) Certos escritos cristãos antigos e 8) Fontes litúrgicas antigas.

Depois de apresentar a imensidade de textos externos, a autora apresenta o estudo comparativo interno em um subitem que consiste basilamente, partir de um texto tido como mais antigo, compará-lo com os diferentes documento-testemunhas

posteriores. Esse mecanismo possibilita-nos diferenciar os conteúdos mais antigos, as variantes, os desenvolvimentos, os acréscimos, os retoques feitos no texto transmitido, considerando também as diferenças quanto ao gênero literário e ao contexto histórico-cultural. Todo esse processo é para classificar, de modo provisório, os escritos, a partir do percurso feito pela Tradição abordada. O exemplo é dado por Bloch em um subitem, em que recolhe tradições sobre o anúncio do nascimento de Moisés: o sonho do Faraó, desenvolvido em: Ensaio de crítica literária de alguns relatos paralelos; Um testemunho datado: Josefo; Alguns indícios de uma tradição correlata; O testemunho do Novo Testamento. Esse exemplo, distribuído ao longo dos subitens que o englobam, tem como texto-eixo-base: o *Targum de Jerusalém*, tido como mais antigo. Sugerimos a leitura atenta, a pequenos e saborosos goles, do texto-exemplo pois, por falta de espaço, não o comentaremos nesta resenha. Aconselhamos à pessoa que o for trilhar por esse caminho de leitura a perceber a exuberância de detalhes encontrados em cada nova tradição ou comentário-midrash do texto, que a convida a tomar um outro registro de interpretação, mais semítico e menos greco-cartesiano.

A Literatura do Judaísmo medieval é o primeiro conjunto de textos aos quais Bloch faz menção. É um período mais fácil de ser datado e consta de uma quantidade enorme de material que, mais que inovar, incorpora o produzido anteriormente pela Tradição Rabínica antiga. É trabalho de codificação, elaboração de material, com algumas modificações, sem contudo alterar o conteúdo recebido ou transmitido da/pela Tradição Rabínica. Bloch faz duas constatações fundamentais para seu ensaio: 1ª. *Seu estudo (Tradição Rabínica) é, portanto, fundamental, sob todos os pontos de vista, e as dificuldades e as incertezas contra as quais se debate, quem quer que aborde os estudos judaicos, tem a ver, com raras exceções, a trabalhos de base, que dizem respeito a esse período crítico* (p. 35). 2ª. (o conhecimento da Literatura Exegética e Homilética da Literatura Rabínica)

Há para isso, uma condição: que essas tradições rabínicas antigas, quase contemporâneas dos últimos escritos bíblicos e que, em relação a eles, apresentam uma continuidade evidente, sejam literariamente discernidas e historicamente situadas com uma margem suficiente de certeza. Pense-se, por exemplo, em tudo o que um estudo rigoroso dos comentários rabínicos e de sua evolução numa época muito próxima da formação ou, pelo menos, da redação definitiva dos últimos livros bíblicos

poderia trazer em benefício de sua exegese, da compreensão de seus gêneros literários e de seus temas, como também para a reconstrução da história do texto e das versões antigas (BLOCH, 2022, p. 36).

Bloch aponta, em sua época, o que ainda hoje continua um problema desafiador para os (as) estudiosos (as) da Bíblia e da Tradição judaica: não existe um conhecimento suficiente e, acrescentamos, amplo, no sentido de abarcar alguns espaços de estudo teológico, - das raízes cristãs que estão na Escritura e na Tradição Rabínica antiga. Afirma, ainda, Bloch que, mesmo a descoberta dos rolos da Mar Morto: Qumran, uma das maiores descobertas arqueológicas de seu tempo, depois dos fragmentos encontrados na *guenizá* da cidade velha do Cairo, como sendo escritos. Assim ela comenta:

de uma ramificação 'marginal' e particular do Judaísmo por volta do nascimento do Cristianismo, é necessário situar exatamente em relação às correntes principais e às instituições oficiais do Judaísmo da época, mas que é difícil de compreender plenamente sem um conhecimento suficiente destas últimas (BLOCH, 2022, p. 38).

Bloch, como conhecedora da *Sinagogae ars*, aborda a questão das dificuldades relativas à Literatura Rabínica, elaborando perguntas, tais como: *De onde vêm as consideráveis dificuldades contra as quais se chocam aqueles que tentam embarcar no estudo da Literatura Rabínica?* (p. 38). Para ela, a primeira dificuldade está no como se entra nessa literatura. Inicia-se de modo errado. Começa pela Tradição judaica que trata das questões legais, do agir do dia a dia, do aspecto *halákhico* que está na *Mishná* e na *Guemará*, duas fontes de comentários autoritativos reunidos no Talmud.

Ou seja, começa-se estudando a partir do Código que regula detalhadamente a vida de cada judeu e judia segundo a Torá. Bloch convida a imaginar o estudo do Cristianismo com base no Código de Direito Canônico, anterior à codificação do atual Código e à edição de suas fontes. Para ela, a porta de entrada deve se dar pela riqueza da parte narrativa da Tradição Rabínica, reunida nas *Aggadot*, ou nos Midrashim de *Aggadá*, inseridas, ao longo dos anos, em outros textos das Literatura Rabínica (na *Guemará*, na liturgia, coletâneas de piedade popular), por autoridades como Rashi. E

essas, portanto, não são estudadas de modo independente, mas sempre em relação a outros textos. Contudo, como escreve Bloch (2022, p.40):

... aí está precisamente a dimensão da Literatura Rabínica de maior interesse do ponto de vista do Antigo Testamento, do Novo Testamento, das origens cristãs e da Literatura cristã antiga, e que é também a mais importante para o conhecimento do conteúdo religioso vivo do Judaísmo.

Enquanto a *halakhá* trata de questões morais sujeitas a mudanças, a *aggadá* preserva um conteúdo que resiste ao longo dos séculos. Um primeiro passo seria, portanto, um trabalho de crítica literária. Outro, a busca de uma possível datação dos textos da Literatura Rabínica. A *halakhá*, devido à sua natureza ético-moral, recebeu um maior número de comentários e, portanto, mais fontes escritas e, todavia, mais variáveis. Já a *aggadá*, comentário de cunho narrativo, não recebeu a mesma atenção multiplicadora, porém, é mais estável no conteúdo transmitido. Sempre a Escritura ou Torá é a base da *halakhá* e da *aggadá*.

Para a autora, a dificuldade principal está ligada à questão histórica. Para abordá-la, novamente, à maneira sinagoga, ela oferece ao leitor uma ciranda de perguntas: *Mas qual é a origem desses escritos? Que data assinalar-lhes? Como classificá-los segundo suas dependências e filiações?* (p. 40). Bloch constata um avanço no campo dos estudos bíblicos, ao integrar a perspectiva histórica, mas atesta que, em relação à Literatura Rabínica, o mesmo esforço não havia sido feito embora, no século XIX, a moderna ciência judaica tenha começado estudos de grande valor, mas apenas iniciais. Aponta, ainda, uma outra dificuldade, ou seja, a carência de *um estudo verdadeiramente científico* (p. 42). Ela sugere que os textos sejam retomados a partir dos manuscritos antigos e reeditados, com o objetivo de formar um *corpus* da Literatura midráshica, isto é: *um instrumento de trabalho indispensável para todos os estudos históricos, literários, comparativos etc.* (p. 42). Ainda hoje esse *corpus* está em potência, aguardando sua elaboração. Da parte cristã, esforços foram feitos, mas ainda há muito por fazer. Nem todos os (as) estudiosos (as), mesmo sabendo da importância da Literatura Rabínica para a melhor compreensão do Cristianismo, não fazem uso *comme il faut* da Tradição Rabínica antiga.

Como filha “antena” de sua época, Bloch insiste sobre a questão da diacronia dos textos. Ela se interessa sobre a gênese das tradições: sua história e cultura formativa (*sitz in Leben*). Hodiernamente, há uma grande valorização da leitura sincrônica e canônica dos textos. Parte-se do texto final e buscam-se nele os efeitos produzidos no/pelo leitor. Isso não significa dizer que a leitura diacrônica perdeu sua importância, mas não é uma *conditio sine qua non*, para se abordar o texto da Tradições Escrita e Oral. Nesse sentido, o Midrash rabínico também passa a ser estudado mais pelo efeito que produziu na pessoa que o comentou e nos efeitos que, ainda, continua produzindo nas pessoas que se inserem nessa corrente interpretativa. O material midráshico é também acuradamente trabalhado pela autora. Dele ela faz menção à página 36. Mesmo sendo bastante antigo, continua esse ensaio muito atual. E Bloch é, ainda hoje, manancial de questionamentos daqueles e daquelas que se permitem dialogar com ela. Termino com um conselho que Bloch dá às pessoas que se apropriam de suas reflexões via leitura: *Seria de interesse particularmente grande, {...} o estudo da Literatura cristã siríaca, que constitui uma espécie de ponte entre o mundo semítico impregnado de Tradição judaica e o mundo cristão* (BLOCH, 2022, pp. 37-38).